

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Mito, Linguagem e

Mídia

4



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Morgenstern, Flávio

Mito, linguagem e mídia: Aula 4

ISBN:

1. Mito 2. Linguagem 3. Mídia

CDD 400

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Neste último *e-book* do curso “Mito, linguagem e mídia”, com Flávio Morgenstern, entendemos como a mídia desempenha, na modernidade, um papel sacerdotal que possibilita a criação de um modo de controle.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste *e-book*, espera-se que você saiba: o que é a função da mídia e como esta a desempenha; a importância do jornalista; como estamos migrando do mundo da autoridade para o mundo do controle; como a ausência de filosofia propicia esse cenário.

UM PRIMEIRO PANORAMA

Neste e-book, iremos nos focar na forma como a mídia sacerdotal funciona nos dias de hoje.

Atualmente, a importância da internet é imensamente maior do que a dos meios físicos. O contraponto a isto é feito pela televisão, devido à sua capacidade de alcançar as pessoas que ainda não estão conectadas. Em relação aos meios de comunicação de massa anteriores, a internet apresenta uma diferença crucial: não ser verticalizada. Com isso, a internet possibilitou que pequenos sites competissem com grandes canais.

No início da internet, não havia produção de notícias. O google não existia e para utilizar o principal buscador da época, o Yahoo, era preciso fazer um cadastro. Atualmente, os empreendimentos da internet raramente ultrapassam cinco anos e a relevância das referências mais importantes se altera abruptamente. As redes sociais foram se modificando ao longo do tempo, tornando-se um agregador. Apesar da horizontalidade da internet, as pessoas não deixaram de acessar aos grandes conglomerados.

Mostra da alteração de nossas tempos é a situação dos grandes grupos midiáticos em geral. O Estadão está entrando em concordata. A Folha está no centro de uma disputa familiar, uma vez que um dos filhos do Otávio Frias quer extinguir o jornal e manter o noticioso apenas na versão site, deixando, portanto, de ser uma imprensa. Isso está acontecendo no mesmo grupo cuja rentabilidade advém de uma maquininha de pagamento da UOL. A editora Abril faliu e foi vendida para o BTG Pactual. De uma edição para outra, o grande veículo que prestava apoio à Lava Jato e ao combate à corrupção adotou uma linha editorial crítica tanto a Sérgio Moro quanto à operação.

O poder dos grandes conglomerados midiáticos está sendo reduzido¹. No início deste ano, o Antagonista, composto por uma equipe de somente três pessoas, ultrapassou o número de acessos do Estadão.

Embora, como mencionado, a importância desses grandes grupos esteja em declínio, há resquícios inegáveis de épocas passadas. Ainda hoje, somente estes grupos podem arcar com os custos de repórteres investigativos, os quais trabalham,

¹ Para se ter uma ideia da decadência da produção jornalística, Euclides da Cunha, quando escreveu "Os Sertões", estava fazendo uma reportagem para o Estadão.

durante períodos extensos, em reportagens, sem que estejam realizando outras funções que gerem lucro às empresas.

QUAL A FUNÇÃO DA MÍDIA?

Uma parcela considerável do apelo sacerdotal da grande mídia está alicerçada na ideia do repórter investigativo. Ele mantém a autoridade desses veículos. Com isso, o nome de um jornalista passa a contar muito. Boa parte dos grandes nomes do Brasil, da classe chamada intelectual, exerce a profissão de jornalista. Um professor da USP de humanidades que quer pautar o debate público dificilmente não possui uma coluna na Folha de São Paulo. Ou, ao menos, nela escreve esporadicamente. Em vez de falar para seus quarenta estudantes em sala de aula, ele passa a se comunicar com o Brasil.

Antes da ditadura, nas décadas de 1940 e 1950, havia o nome de três, talvez quatro, grandes jornalistas. Estes profissionais não costumam ficar famosos. A partir do fim da ditadura, o jornalista ganhou contornos mais personalizados. Hoje, em matéria de autoridade, o jornalista é mais importante do que o próprio jornal.

Quando afirmo que a classe jornalística é sacerdotal, quero dizer que obtém as funções que desempenha tanto de intelectuais quanto de sacerdotes. Sua função é determinar como vamos pensar e como vamos interpretar o mundo.

A ocupação desse papel sacerdotal por parte da mídia ocorreu por algumas razões. A primeira delas é o fato de as pessoas terem parado de ler livros. Ao mesmo tempo, as pessoas cultivaram o hábito de ler pelo menos um ou dois jornais todos os dias. Ou, em vez disso, de lerem todos os artigos escritos por um profissional específico que lhes é agradável.

Por exemplo: fala-se muito em ciência nos dias de hoje, mas pouquíssimos brasileiros leram Einstein ou Stephen Hawkings. As pessoas garantem credibilidade a estes pesquisadores pois estão presentes na mídia. Ou seja, a ciência é filtrada pela mídia. Com o filtro da autoridade, ganha-se nessa pequena operação.

UMA ÚNICA VISÃO

Outro processo existente é a homogeneização da mídia, que vai se tornando cada vez mais igual. Por isso, para fins de diferenciação, os jornais passaram a acrescentar a foto do jornalista, personalizando-o.

A maioria dos jornais tem uma sessão internacional, na qual a similitude (ou até mesmo igualdade) do conteúdo se torna ainda mais latente. Há poucas agências de notícias que produzem notícias internacionais: Reuters, RT e Associated Press. A CNN, por exemplo, compra as notícias internacionais da AP. Ou seja, a CNN, assim como a maioria esmagadora dos meios jornalísticos, não produz a notícia internacional que veicula. Como consequência, há uma concentração gigantesca de informação e poder. A menos empresas para cuidar do mundo do que as seis famílias da mídia no Brasil.

Essas três agências são contra o Trump e o consideram um nazista. Resultado: dos jornais de Bangladesh aos de Manhattan, as pessoas só têm acesso a informações que creditam ao Trump o papel de novo Hitler. Como essas notícias internacionais são extensivamente compradas por jornais diferentes, em todos, consta exatamente a mesma reportagem. Nesse processo, a mídia inteira, presente no mundo todo, vira a mesma coisa.

Não há mais concorrência. Mas, quem poderia pagar por esses serviços ou realizá-los internamente? Produção desse tipo é extremamente cara e somente a grande mídia pode pagar por isso. No caso da mídia internacional, ainda mais. Por isso, hoje a mais disputa entre jornalistas do que entre jornais.

Essa é a maneira como a grande mídia tenta solapar a horizontalidade da internet. Isso é o que Rolf Kuntz chamou de autofagia jornalística, quer dizer, o jornalista só lê outro jornalista. Eles nunca leem uma opinião contrária a deles.

O SACERDÓCIO

As redes sociais trouxeram um lado um pouco pernicioso, porque o debate da internet voltou a ser similar ao que ocorria na época da televisão. O que se discutia no orkut, por exemplo, não era a notícia do dia, tal como ocorre hoje, por exemplo. Com o twitter, com o Facebook e com o Instagram, as pessoas leem as notícias e muitos inclusive republicam-as com severas críticas, fornecendo audiência aos veículos e a indivíduos. Com as redes sociais, ao contrário do que se costuma acreditar, há uma nova verticalização. Você pode odiar a Mônica Bergamo, mas você irá segui-la para saber o que ela está postando. Mas, digamos que a conta dela sofresse uma falha e ela não conseguisse acessá-la. Ninguém teria qualquer perda por isso. A nova verticalização diz respeito à necessidade de ter a chancela desses grandes veículos para saber se algo é *fake news* ou não.

O sacerdócio da mídia é guiar e não mais informar. Ela não reflete mais o que a população está achando sobre determinada lei, mas convoca especialistas para atribuir sentido à nova legislação. O uso desses especialistas serve para que não haja argumentação, mas sim impressão sobre um determinado posicionamento. Além disso, ao adicionar a opinião de um especialista, é possível fazer derivações dela. Utilizemos o caso da cadeira infantil obrigatória em carros. Um especialista pode dizer que a cadeira é mais segura. Isso não significa que ele está emitindo um argumento favorável à lei de obrigatoriedade. O jornal, no entanto, pode empregar sua declaração para defendê-la como necessária.

A mídia desempenha a função sacerdotal sem apresentar nenhum preparo para isso. O jornalista quer ser um filósofo ou um político. Para ser político, seria necessário obedecer a regimentos e ganhar o poder através de eleições. Por outro lado, para o jornalista exercer poder, basta publicar uma matéria no jornal ou na internet. Assim, é capaz de mandar nas pessoas, inclusive em questões nas quais os políticos não conseguem mandar. Isso ocorre porque o sacerdote também manda na sua vida privada; o rei, não.

Hoje, o jornalista aborda e está preocupado com questões de foro íntimo que, no passado, gerariam escândalo caso estivessem entre os temas tratados em um jornal. Um caso que expressa essa situação é quando a Folha de São Paulo fez uma matéria em que um especialista explicava como fazer um Golden Shower corretamente. Isso não é notícia, isso é uma fofoca. Como estamos nesse mundo em que os jornalistas tentam guiar as pessoas, sacerdotalmente, tem-se essas superiores preocupações. O tema dos transsexuais está continuamente sendo debatido nos jornais. No entanto, quantos transsexuais você conhece para que esse seja um assunto dominante? Isso é feito para criar um mundo do controle.

O SURGIMENTO DO NOVO SACERDOTE

O papel sacerdotal da mídia surge no final da Primeira Grande Guerra. Com a deposição das monarquias, o debate político foi direcionado para o público. Neste contexto, a mídia precisa ser um grande sacerdote. Hoje, a mídia está tentando lidar justamente com essas questões que antes não eram de sua alçada. Questões que não constituíam um assunto noticioso para o público. A notícia supracitada da Folha de São Paulo não foi “Homem faz xixi em outro em público”, mas sim uma explicação de como fazer um Golden Shower. O especialista é usado para imprimir autoridade

às declarações, pois se está tentando guiar a população. Daí também deriva a nova autoridade do jornalista, que quer guiar as pessoas com base na ideologia.

A ideologia de gênero não é tratada como uma ideologia, mas sim como um fato. Para isso, novamente, autoridades (especialistas) são chamados a falar. Uma variedade de ismos permeiam os jornais: feminismo, socialismo, progressismo. E também há a fobia. Fobia é ter um ismo contrário, é te proibir de falar alguma coisa. O seu ismo agora é uma fobia. Por exemplo: eu sou católico. Então, você é homofóbico. A Igreja Católica não aceita mulher como sacerdote, não aceita casamento gay. Por isso, configura-se a homofobia.

E isso vai parar no Supremo Tribunal Federal (STF). Há uma lei aprovada pelo STF criminalizando a homofobia, equalizando-a ao racismo. Por que isso foi aprovado? Uma mídia que verdadeiramente informa, deveria ter transmitido a seus leitores quais as consequências dessa aprovação e o que vai acontecer com as pessoas que realizam determinados discursos.

O MUNDO DO CONTROLE

A mídia cria - e está criando - modismos. A ideologia de gênero é tratada como se fosse ciência, não ideologia. O racismo se tornou o único crime comparável à tortura no Brasil e, portanto, imprescritível. Ou seja, além da tortura, é o único crime imprescritível. Isso significa que se eu assassinar uma pessoa e for pego apenas 30 anos depois, eu vou sair ileso, porque houve a prescrição do crime e eu não posso ser punido. No entanto, se eu cometer um ato de racismo e for culpabilizado somente 30 anos depois, deverei cumprir a pena. A tortura era o único crime imprescritível porque nossa constituição é revanchista e queria punir os torturadores da ditadura. O caráter de imprescritibilidade foi atribuído exclusivamente ao racismo. Por que roubo e assassinato prescrevem e racismo não?

Se a mídia de fato informasse, teria conceituado o racismo e contextualizado essa lei dentro da Constituição, dando cobertura a outros aspectos igualmente relevantes do caso. Isso é ter uma função informativa que não é sacerdotal. Na função sacerdotal, guia-se a população para que acredite ou desacredite em algo.

A todo momento, estamos discutindo questões jurídicas extremamente complexas através da grande mídia, sem, contudo, entender como funciona uma MP, um Decreto Presidencial, o que é um embargo infringente. Ademais, os jornais já deixam as conclusões que defendem no próprio título.

O caso do feminismo é ainda pior. O feminismo é a palavra do século 21. No entanto, não apresenta um conceito. Cada feminista apresenta uma definição particular do que é feminismo, incompatíveis entre si. Apesar disso, essas feministas, com definições conflitantes, apresentam uma concordância mútua de que a outra é uma feminista.

No *e-book* anterior, falamos sobre *xibolete*, que é uma palavra que demonstra que você pertence a determinado grupo. Quando criou-se o feminismo, tudo que se está dizendo é um pertencimento a um grupo por autodeclaração.

Para explicar isso, eu sempre dou o exemplo da prostituição. O feminismo é a favor ou contra prostituição? Se você é a favor da prostituição, você é a favor que um homem explore uma mulher sexualmente tratando-a como um objeto de mero descarte de vontades. Se você é contra, você está exercendo um moralismo sexual que visa a impedir que uma mulher desfrute de seu próprio corpo como ela própria decidiu que quer desfrutar. Uma simples pergunta dessa coloca em xeque a descrição do que é o feminismo. Caso você seja contra a prostituição, a definição média que você tenta dar ao feminismo não funciona. Feminismo é o termo que está determinando tudo, está na mídia e ninguém consegue defini-lo.

Há uma transferência de autoridade que leva o jornalista a acreditar que pode palpitar em assuntos que nada tem a ver com o jornalismo. As ideologias funcionam nos elos mais fracos da população. De novo, quer-se criar uma narrativa de que existem exploradores e explorados.

No mundo pré-moderno, a autoridade do sacerdote estava fundamentada em sua relação com Deus e em sua vida dedicada a isso. Por isso, os sacerdotes viviam em mosteiros, nas Igrejas. São esses aspectos os responsáveis por construir a autoridade sacerdotal. Hoje, no entanto, a autoridade é rapidamente estabelecida, podendo ser construída em poucos *tweets*, sobretudo se o indivíduo possui a chancela de ter trabalhado (ou trabalhar) para a grande mídia.

Essas ideologias significam o fim do mundo da autoridade e a introdução no mundo do controle. Sai-se do mundo em que autoridade é o rei, a igreja, e são os poetas, os trovadores, que vão nos indicar alguma beleza. Agora tudo está concentrado na figura única do jornalista. Nem um cantor de MPB, hoje, tem o prestígio e a autoridade de um jornalista. Só que o jornalista não tem a autoridade como a do mundo pré-moderno, em que se reconhece uma autoridade por sua dedicação completa a algo.

O mundo do jornalista é o mundo do controle. O mundo da ideologia é o mundo dos “ismos”. Embora o feminismo não seja definido com clareza, embasou a criação de leis, que foram sancionadas sem sequer precisar do legislativo. Essas leis servem única e exclusivamente para controlar o que as pessoas normais pensam, para controlar a normalidade da vida. Por exemplo: houve um aumento exponencial de imigração para o Brasil, como não ocorria desde a Segunda Guerra. No entanto, isso não está sendo discutido. Estão-se discutindo esse monte de “ismos”, que não são problemas, para aumentar o controle.

Com isso, o mundo vira pura burocracia. Essa burocracia lida só com a própria burocracia. Por isso é “ismo”, por isso é vazio. O objetivo é que todos falem sobre feminismo, mesmo sem apresentar clareza sobre o que é, para que seja possível controlar tudo sobre a relação entre homem e mulher. Cria-se uma narrativa fragmentada de que há opressores e oprimidos, o hétero contra o gay, o branco contra o negro, e assim por diante, baseando-se em eventos históricos que não ocorreram como dizem, utilizando uma simplificação absurda. Nunca houve uma opressão das mulheres em uma sociedade como a brasileira como eles acreditam. Pode-se falar sobre isso com toda a facilidade no Irã. Mas, sobre o Irã, essas mesmas pessoas dizem que se trata de multiculturalismo.

Todos esses “ismos” tentam criar uma narrativa de opressores contra oprimidos. Com isso, quer-se criar um novo mundo do controle absoluto. O comunismo do século 21 não é comunismo stalinista, é o comunismo deste controle. Mais importante do que ser um guerrilheiro, é ser um jornalista para guiar a sociedade exatamente através dessa forma.

A Igreja Católica, por ter permitido a teologia da libertação, é a única igreja que no Brasil não é atacada pela esquerda. A maior parte das igrejas não segue uma missa sem que se bata palmas no meio. É o único lugar em que você tem o sacerdote justamente no lugar do sacerdote. É uma substituição de um sacerdote por outro, mas no mesmo lugar. Mas no restante da população, você substituiu o poder sacerdotal, confessional, de uma igreja, pelo jornalismo. O nome mídia advém justamente do fato de dominar o meio.

Para encerrar, conforme eu havia comentado, estamos em um mundo sem conceitos. Esse é um mundo que não argumenta. Quando saímos da filosofia, não temos mais argumentação, temos simplesmente opinião.